

NOVOS CAMINHOS: PENSANDO MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ALUNOS SURDOS

Vanessa Gomes Teixeira¹
Angela Corrêa Ferreira Baalbaki²

RESUMO: O projeto de extensão “Recursos e materiais para o ensino de português para alunos surdos” tem a intenção de desenvolver atividades voltadas para a comunidade surda e oferecer também um espaço de discussão para os graduandos e professores de língua portuguesa, considerando, em uma perspectiva de educação bilíngue, a língua brasileira de sinais (Libras) como a primeira língua do aluno surdo e a língua portuguesa como sua segunda. O objetivo do projeto é a elaboração de materiais didáticos que atendam às necessidades linguísticas dos surdos. Nota-se que a oferta de tais materiais dirigidos à comunidade surda, quando existente, não atende ao desenvolvimento das interfaces de leitura e escrita da língua portuguesa, visto que eles pressupõem categorias e aspectos distintos daqueles endereçados aos alunos ouvintes. Para refletir sobre as especificidades desse alunado, faz-se necessário o contato com pesquisas sobre educação bilíngue para surdos e o desenvolvimento de metodologias visuais, a fim de aplicá-las no cotidiano escolar. Assim, a proposta do projeto é ser um ambiente de formação, de troca de experiências e de desenvolvimento de práticas de ensino bilíngue. Pretende-se que ele suscite a discussão e a construção de conhecimento sobre novas metodologias e estratégias didáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação bilíngue para surdos. Ensino de língua portuguesa como segunda língua. Produção de materiais didáticos. Formação de professores.

New directions:

thinking teaching materials to teach portuguese as second language for deaf students

ABSTRACT: The extension project “Recursos e materiais para o ensino de Português para alunos surdos” aims to develop activities for the deaf community and provide a space for discussion between Portuguese students and teachers, considering a bilingual education perspective, the Brazilian sign language (Libras) as deaf students’ first language and the Portuguese language as their second language. The project aims to prepare instructional materials that could meet the language needs of deaf people. It was noticed that the supply of such materials designed for the deaf community does not meet the development of interconnections between reading and writing in Portuguese, once those materials designed for deaf students require aspects that are different from those addressed for hearing students. To discuss deaf students’ specificities, one must resort to researches on bilingual education for the deaf and development of visual methodologies in order to apply them in everyday school life. The expectations for the project include the possibilities of debates and knowledge building on new methodologies and teaching strategies.

¹ Mestranda em Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição em que atua como integrante dos projetos “Recursos e materiais para o ensino de português para alunos surdos” e “Além das fronteiras: o ensino de língua portuguesa como língua estrangeira” e como professora substituta (vanessa_gomesteixeira@hotmail.com).

² Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, professora adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (angelabaalbaki@hotmail.com).

KEYWORDS: Bilingual education for deaf students. Teaching Portuguese as a second language. Production of learning materials. Teacher training.

Os primeiros passos: um pouco do panorama da educação de surdos

No Brasil, a educação de surdos passou por várias etapas que, em geral, desprestigiavam sua primeira língua, a língua brasileira de sinais (Libras). Após a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 – que reconhece a Libras como meio de comunicação da comunidade surda e de instrução para aprendizado de conteúdos escolares e da língua portuguesa (LP), na modalidade escrita, como segunda língua – constata-se uma necessária mudança no processo educacional do aluno surdo. Ela deve estar pautada tanto do ponto de vista da qualidade do ensino quanto em relação ao quantitativo de alunos surdos a serem beneficiados com novas metodologias de ensino, visto que, embora não seja possível contar com um levantamento estatístico preciso, estima-se que 1,5% da população brasileira seja surda em algum grau.

Verifica-se que os fazeres na área de educação bilíngue para surdos apontam para uma imperativa investigação de caráter teórico-prático que atenda às necessidades linguísticas desse grupo discente. Especificamente, o ensino de LP destinado a esses alunos constitui-se como tarefa desafiadora aos profissionais do ensino regular, já que a maioria não possui qualquer formação acadêmica para a execução desse trabalho. Tal contexto se impõe como um obstáculo à aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua (LP2): os professores, em geral, não sabem Libras – língua de modalidade espaço-visual da comunidade surda brasileira – e desconhecem práticas de ensino da modalidade escrita da LP2.

Algumas pesquisas (FARIAS, 2006; FERNANDES, 2006) indicam que os resultados insatisfatórios obtidos pela maioria dos alunos surdos no processo escolar³ decorrem da falta de uma metodologia de ensino adequada. A esse panorama acrescentam-se questões relacionadas à produção e à adequação de materiais educativos que estabeleçam a transposição didática de conteúdos relacionados à modalidade escrita da LP. Nota-se, no entanto, que a oferta de tais materiais dirigidos à comunidade surda é escassa ou, quando existente, não atende ao desenvolvimento das interfaces de leitura e escrita do português desse alunado (LEITE; CARDOSO, 2009).

Vale destacar que, distintas das línguas orais, as línguas de sinais são de modalidade espaço-visual, o que significa dizer que apresentam, entre outros aspectos linguísticos, simultaneidade na realização de categorias linguísticas. Além disso, realizam-se no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o lugar de sinalização. Especificamente, a Libras produz narrativas e diálogos constituídos de coordenações de sentenças, cuja estrutura interna é predominantemente ([tópico]-[comentário]). Também são utilizadas marcas não manuais, como expressões fisionômicas e movimentos do corpo, em sincronia com o movimento manual.

Analisando recursos expressivos das línguas de sinais, Quadros (1995:1) ressalta que os sinais, em si mesmos, normalmente não expressam o significado completo do discurso. Este significado é determinado por aspectos que envolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem. No ato da conversação, o receptor deve determinar a atitude do emissor em relação ao que ele produz [...]. Os surdos utilizam a expressão facial e corporal para omitir, enfatizar, negar, afirmar, questionar, salientar,

³ Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), somente 3% dos surdos brasileiros concluem o ensino médio. Fonte: <http://www.feneis.com.br/page/quantitativo.asp>.

desconfiar e assim por diante. Alguns estudos investigam a hipótese de que essas expressões codificam propriedades gramaticais de categorias funcionais da estrutura oracional. (SALLES et al., 2004, p. 84).

A citação acima reafirma que os sinais e as expressões compõem as categorias gramaticais e funcionais da Libras. Afirmar isso é dizer que, ao contrário do que muitos pensam, sinais e expressões feitos pelos surdos não são simples gestos ou mímica. A Libras não é uma adaptação das línguas orais ou o “português sinalizado”, e, sim, uma língua ilimitada; ou seja, ela possui fonologia, morfologia, léxico, variação linguística, gramática etc. E, para além do aspecto sistêmico, essa língua de sinais é uma das maneiras de os surdos estarem no mundo e significá-lo. Eles apreendem o mundo com os olhos e interpretam-no com as mãos. Sua cultura está baseada na visão. Trata-se, portanto, de um modo “visual de viver”.

Em consonância a esse modo de vida, assinala-se que o ponto central na elaboração de recursos didáticos deve estar pautado na experiência visual e na Libras. Considerando a importância da inserção do *modus vivendi* (PERLIN, 2002) do surdo ao seu processo de ensino-aprendizagem, o projeto buscou contribuir com a produção de metodologias inovadoras que alavanquem o processo de letramento desses discentes. A finalidade de tais propostas metodológicas é instrumentalizá-los em situações que irão requerer competências e habilidades relativas ao ler e escrever, oriundas de diversas esferas sociais, visto que as considerações sobre o letrar implicam a exposição do aluno aos mais variados gêneros textuais que circulam na sociedade. Afinal, o desenvolvimento das competências linguísticas se dá no e pelo uso da linguagem em interações sociais.

Assim, o projeto em questão visou a abordar questões ligadas ao processo ensino de língua portuguesa como segunda língua (LP2) para alunos surdos. Seu objetivo geral foi produzir materiais didáticos que auxiliassem os professores nesse processo. Em consequência desse objetivo, pretendeu-se: contribuir com a formação docente, uma vez que o projeto, voltado à práxis pedagógica, destinou-se a suscitar questionamentos acerca do processo de ensino-aprendizagem do português e do cotidiano escolar, em uma perspectiva inclusiva; e compreender como a Libras e a experiência visual podem corroborar não só com o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa escrita, mas também com a inserção do sujeito surdo na sociedade letrada.

Tendo em vista o panorama da educação de surdos numa perspectiva bilíngue, os objetivos específicos do projeto foram: a) definir critérios para análise e avaliação crítica de materiais didáticos de LP, reconhecendo sua ênfase na descrição ou no uso da língua e o alinhamento que estabelecem com diferentes contextos de ensino e abordagens; b) analisar materiais didáticos de LP; c) adaptar e elaborar materiais para contextos de ensino de LP2 para alunos surdos; d) abordar os diversos gêneros textuais circulantes na sociedade, de modo a inserir o sujeito surdo nas práticas sociais de leitura e escrita; e) suscitar práticas pedagógicas que visem à implementação de novo escopo teórico-metodológico; f) colaborar com a formação docente em LP, no tocante ao desenvolvimento de novas estratégias de ensino de LP2. Em suma, os objetivos específicos do projeto buscam instrumentalizar o professor de LP a lidar com as singularidades linguísticas da comunidade surda pelo viés da transposição didática, com a elaboração, a aplicação e a avaliação de propostas educativas direcionadas a alunos surdos, de forma a dirimir as dificuldades encontradas nesse processo de ensino-aprendizagem.

A motivação da caminhada: por que propor um projeto na área de educação de surdos?

A justificativa para a realização do projeto assentou-se na necessidade de desenvolvimento de ações de caráter teórico-metodológico que atendessem às prioridades linguísticas dos alunos

surdos, propondo análise e elaboração de materiais didáticos para o ensino de LP2. A direção assumida, nesse projeto de extensão, articulou-se com ações anteriormente realizadas, quais sejam: reflexões desenvolvidas em uma disciplina⁴, oferecida no curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desde 2009, e destinada a tratar de questões relacionadas à elaboração de materiais para o ensino de LP2 para surdos; pesquisas na área de educação de surdos e/ou formação de professores, desenvolvidas pela coordenadora e demais professores participantes do projeto; experiência da coordenadora com docência de LP2 para alunos surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); ações extensionistas realizadas em escolas regulares próximas ao *campus* da universidade, voltadas para esses alunos.

As ações relatadas evidenciaram que a maior parte das dificuldades dos alunos identificadas refere-se à metodologia empregada e aos materiais usados no ensino de LP2 para surdos. Resumidamente, pode-se dizer que a preparação do projeto foi motivada pela percepção do cenário de inclusão de alunos surdos em escolas regulares de educação básica e a falta de estratégias que reconheçam as necessidades desse alunado.

Devido às particularidades da Libras e à falta de contato com a comunidade surda, percebeu-se a dificuldade que os professores de LP têm em adaptar suas aulas. Levando em conta a produção dos materiais didáticos, verifica-se que os poucos existentes não abordam o conteúdo por meio de uma metodologia voltada para o aprendiz surdo. Consequentemente, esse aluno, apesar de estar inserido no espaço físico dos ouvintes, não consegue aprender satisfatoriamente a LP na modalidade escrita.

Para que a real inclusão social e educacional ocorra, são necessárias constantes atualização e reflexão sobre a educação bilíngue por parte do corpo docente das escolas de educação básica. Destarte, também cabe à Universidade, locus privilegiado para a formação de professores de línguas, desempenhar o papel de desencadear e auxiliar na reversão do quadro de exclusão do “mundo letrado” em que ainda vivem muitos alunos surdos. Além de evitar restrições de diferentes ordens de acesso dos pesquisadores ao “modo de viver do surdo” (PERLIN, 2002), por considerar a cultura surda fundamental à formação de professores, em geral, e de línguas, em particular, pretende-se, com a ação extensionista, incentivar a integração entre essa cultura e o Instituto de Letras/UERJ.

Em suma, a relevância do projeto centra-se em atender às atividades de desenvolvimento e experimentação de práticas bilíngues para o ensino de LP2 para alunos surdos.

Sustentando cada passo: referencial teórico

Dentro do campo de interesse da Linguística Aplicada, duas orientações fundamentaram teoricamente o projeto: trabalhos na área de aquisição de segunda língua (L2) e da elaboração de materiais didáticos. No que diz respeito à aquisição L2, vários trabalhos (FERNANDES, 2006; DECHANDT, 2006) afirmam que o aluno surdo – como qualquer outro – não aprende mecanicamente, mas sim utiliza estratégias de simplificação, hipergeneralização e transferência da sua primeira língua (L1). Essa articulação entre as duas línguas é chamada de

⁴ A disciplina intitula-se “Estágio: planejamento de materiais no ensino de português como L2 para a comunidade surda”. Segundo Perse (2011), das cinco universidades públicas do Rio de Janeiro que foram foco de suas análises, somente a UERJ oferece o curso, que tem como ênfase o ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

interlíngua (SELINKER, 1972). Há tantas similaridades entre aprendizes de línguas mães distintas que se justifica a existência de uma teoria da interlíngua. Esse estágio, construído no aprendizado de uma segunda língua, não é nem a L1 nem a L2, mas sim um conjunto de regras temporárias que são usadas sistematicamente até que os dados colhidos do meio indiquem que a hipótese está errada e que o caminho é outro ou reforcem a hipótese, solidificando a regra. Essa noção teórica fornece bases para a reflexão de como as relações estabelecidas entre as duas línguas podem auxiliar na produção de materiais didáticos para o ensino de LP2 na modalidade escrita. Também há de se considerar que o ensino dessa modalidade deve contemplar o desenvolvimento do letramento com centralidade no processo da interlíngua. Sobrepõe-se a ele a contextualização visual do texto, cuja importância permitirá ao aluno surdo a elaboração de hipóteses sobre o sentido da escrita e da leitura.

No que tange à segunda orientação, evidenciou-se a distribuição do tema sobre materiais didáticos em quatro aspectos: análise, avaliação, adaptação e elaboração. Em relação à análise de materiais didáticos (MD) existentes, assumiu-se uma postura de descrever suas características e seus objetivos; em outros termos, promoveu a descrição do MD de forma a identificar a metodologia e os princípios organizacionais utilizados. Já a avaliação pode ser entendida como o julgamento do MD para alguma finalidade, em geral, adoção com base em critérios, necessidades, características e objetivos da situação de ensino-aprendizagem. O objetivo da avaliação é conferir a adequação do MD ao contexto específico de ensino de uma língua e às suas características. Tomlinson e Masuhara (2005) definem que

a avaliação de materiais envolve a mediação do valor (ou valor potencial) de um conjunto de materiais de aprendizado por meio de julgamentos sobre o efeito que eles produzem nas pessoas que os utilizam (TOMLINSON; MASUHARA, 2005, p. 1).

Professores e alunos são as pessoas que utilizam os materiais de aprendizado. A pergunta que direcionou a avaliação foi: quais efeitos os materiais produziram nos professores de português e em seus alunos surdos?

Como inexistem critérios estritamente definidos para a análise e avaliação de materiais de LP2 para alunos surdos⁵, considerou-se, em um primeiro momento, a proposta de Tomlinson e Masuhara (2005), que ressalta a existência de três tipos de avaliação: a) avaliação de pré-utilização; b) avaliação durante a utilização; c) avaliação de pós-utilização. Por sua vez, para Holden e Rogers (2001), a análise de materiais deve estar pautada em alguns critérios. Os autores destacam que variações podem ocorrer de acordo, por exemplo, com o contexto de ensino ou com as necessidades da classe. Assim, uma ficha de análise pode incluir: a) interesse e relevância para o aluno; b) facilidade de uso por professores e alunos; c) nível do idioma; d) abrangência e grau de dificuldade; e) integração eficaz dos componentes; f) adequação cultural; g) apoio ao professor; h) qualidade da apresentação física e durabilidade; projeto, apresentação e facilidade de uso; i) avaliação do aprendizado. Pelo caráter do projeto, preconizou-se a avaliação de pré-utilização, destacando, não somente os critérios elencados por Holden e Rogers (2001), visto que são pensados para materiais elaborados para um aluno cuja primeira língua é de modalidade oral-auditiva, mas também em critérios que levem em conta o *modus vivendi* surdo. Assim sendo, foi importante construir novos critérios de

⁵ Se, de acordo com Coracini (1999), há escassez de artigos que propõem a análise de livros didáticos de línguas estrangeiras, quando se trata de análise de livros de LP2 para surdos, eles são praticamente inexistentes. Dois artigos que analisam livros didáticos de português para alunos surdos são podem ser citados: Souza; Freire; Favorito (2001) e Leite e Carvalho (2006).

avaliação, dos quais são citados alguns exemplos: a) referência à língua de sinais; b) análise contrastiva das duas línguas; c) inserção de elementos visuais (BAALBAKI, 2013).

A competência para avaliar os MD, como destaca Vilaça (2010), contribui para adaptar e elaborar novos materiais. O autor registra que, como os materiais são invariavelmente parciais, cabe ao professor adaptá-los a determinados fins – no caso da proposta de extensão, às necessidades linguísticas dos alunos surdos. Como nos estudos de MD não há uniformidade nos procedimentos de adaptação, o projeto seguiu a proposta de Villaça (2009), o qual sinaliza alguns movimentos possíveis na adaptação de materiais, a saber: 1) adição de atividades, tarefas, materiais extras; 2) apagamento de parte do material didático; 3) modificação parcial de tarefas e atividades; 4) simplificação de objetivos e os procedimentos de uma tarefa ou atividade; 5) reordenamento das atividades.

Leite e Cardoso (2009) assinalam que são pouquíssimos os MD⁶ produzidos para alunos surdos. No entanto, há alguns que podem ser adaptados para o ensino de LP2 para esses, como: a) materiais para o ensino de LP como língua materna; b) materiais para o ensino de LP como língua estrangeira, dando maior ênfase nos últimos. As adaptações feitas (por exemplo, transcrição de diálogos orais gravados em CD-ROM e sua tradução em Libras, apresentada em Power Point já demonstram uma faceta da produção de materiais. Por tal condição, a adaptação deve ser considerada como uma forma de contribuir para a capacidade de elaborar MD; competência que deve fazer parte da formação de qualquer professor de línguas. Em outros termos, a adaptação de MD já é, em certa medida, uma forma de elaborá-los. Há uma forte relação entre as duas atividades. Afinal, “todos os professores são criadores de materiais no sentido de que estão empenhados em adaptar materiais às necessidades e aos desejos de seus alunos” (TOMLINSON; MASAHERA, 2005, p. 3). Como os dois autores esclarecem, os professores já estão habituados a adaptar materiais às necessidades de seus alunos. No entanto, até que ponto os professores de língua portuguesa conhecem e reconhecem as “necessidades” de seus alunos surdos? Essa é uma questão fundamental para a execução do projeto.

A elaboração de materiais deve mostrar, de acordo com Leffa (2008), compatibilidade entre o contexto de ensino-aprendizagem, os objetivos e os recursos de aprendizagem. Além disso, deve envolver, sobretudo, a análise das necessidades dos alunos. Somente a partir delas que podem ser definidos os objetivos que direcionarão o desenvolvimento do material e quais conteúdos serão selecionados (LEFFA, 2009). Outro tópico relevante para a elaboração de MD é o conhecimento da abordagem teórica que subjaz o processo ensino-aprendizagem. Afinal, “quem prepara o material precisa ter uma noção bem clara da fundamentação sobre a qual se baseia, mas vai concentrar todo seu esforço em mostrar a prática, não a teoria” (LEFFA, 2009, p. 28). Por outro viés, Vilaça (2010) aponta duas possibilidades para a elaboração de MD: a chamada “elaboração por intuição”, baseada nas experiências anteriores do professor, e a elaboração de materiais partindo de teorias e pesquisas. Levando em conta que as pesquisas acadêmicas e os relatos de professores (dados coletados por diferentes metodologias: questionários, entrevistas, grupo focal) forneceram as bases para a consecução do projeto, pretendeu-se que a elaboração dos materiais considerasse, sempre que possível, as duas possibilidades.

⁶ Acrescenta-se que, com o uso da internet, muitos materiais podem ser coletados e utilizados com fins pedagógicos. As oportunidades oferecidas àqueles que elaboraram MD são muito variadas. É possível fazer *download* de textos autênticos, utilizar fotos, imagens e gráficos, elaborar atividades interativas por meio de salas de bate-papo, publicar materiais em *sites* ou distribuí-los em listas de e-mails, disponibilizar cursos interativos, entre outros.

O passo a passo: sobre as etapas do projeto

Em consonância aos seus objetivos, o escopo metodológico do projeto englobou, ao menos, três eixos temáticos, cujas especificidades se basearam em propor a criação de recursos e metodologias de caráter inovador e experimental, visando às necessidades linguísticas da comunidade surda. São eles: 1) divulgação da Libras e da cultura surda; 2) compreensão das especificidades da leitura e da produção textual em LP2; 3) pesquisa teórica e definição de critérios para análise e avaliação de MD; 4) a adaptação e elaboração de MD para o ensino de LP2 para alunos surdos.

O primeiro eixo, voltado à difusão da língua de sinais e suas especificidades, propôs oferecer aos professores e graduandos informações essenciais sobre a língua, os aspectos sociais da surdez e o aluno surdo. A principal proposta do eixo foi tratar aspectos essenciais da Libras e a cultura surda.

O segundo eixo destinou-se à discussão do desenvolvimento da leitura e da escrita em LP2 por alunos surdos. Pretendeu-se, a partir de análise das produções, verificar o papel da Libras no processo de aquisição da modalidade escrita da LP2. Além desse tópico, buscou-se reconhecer as questões relacionadas ao ensino de leitura. Uma das formas de tratá-las seria por meio da desconstrução do “mito da interpretação ao pé da letra” (FARIA, 2006), ou melhor, deve-se garantir uma prática que se afaste, no ensino de leitura, da estratégia da "tradução" simultânea de Português-Libras, em uma relação palavra por palavra. As consequências desse tipo de estratégia são desastrosas para ambas as línguas, visto que, ao desprezar as diferenças estruturais entre a Libras e a LP2, congela-se o aprendizado das estruturas da última.

O terceiro eixo, que dispôs discutir dados e pesquisas teóricas acerca de MD de LP para a comunidade surda, objetivou ao conhecimento e à reflexão acerca de metodologias e materiais já desenvolvidos com este grupo discente, bem como ao questionamento sobre seus critérios de produção. Em outros termos, promoveu-se a descrição do MD para identificar a metodologia e os princípios organizacionais utilizados. Essa ação pode ser entendida como o julgamento do MD para alguma finalidade, em geral, adoção com base em necessidades, características e objetivos da situação de ensino-aprendizagem. Buscou-se, portanto, estabelecer o emprego sistemático de critérios de avaliação e de MD destinado a esse alunado.

No quarto eixo, que contemplou a adaptação e a elaboração de MD à comunidade surda, propôs-se um trabalho baseado no letramento e no uso de diversos recursos visuais e textuais, com a finalidade de inserir o sujeito surdo nas práticas sociais de leitura e escrita. Em consonância ao exposto, o desenvolvimento de materiais didáticos deve ser realizado com o auxílio da noção de modelo didático de gêneros de discurso, distanciando, dessa forma, de uma prática muito recorrente de ensinar lista de palavras. Cabe sublinhar que, para o professor ensinar uma L2, é importante que ele conheça a L1 de seu aluno, assim como questões relacionadas ao bilinguismo, ao multiculturalismo e à imagem social construída para cada língua envolvida no processo de ensino-aprendizagem.

A implementação dos eixos, ação que teve início em agosto de 2012, ocorre paulatinamente. Até o momento, foram desenvolvidos: dois cursos de extensão aplicados no Instituto Nacional de Educação de Surdos (com 30 participantes), dois eventos com dez oficinas para docentes de LP e graduandos do curso de Letras (com 15 participantes) e o Ciclo de Palestras (com 30 participantes), que já conta com a realização de sete palestras.

O projeto contou com a elaboração e a aplicação de dois cursos de extensão no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Após análise diagnóstica das condições linguísticas (L1 e L2), foram elaboradas oficinas sobre provérbios e metáforas para alunos da faculdade bilíngue de Pedagogia do INES. O objetivo da primeira foi reconhecer e interpretar provérbios e seus usos e identificar verbos no presente do indicativo; já a segunda visou identificar e interpretar expressões metafóricas e seus usos. A metodologia utilizada nas duas oficinas baseou-se na própria experiência visual dos alunos, tendo os seguintes passos: a) exploração de imagens, salientando o uso visual de determinado conceito; b) discussão da temática em Libras; c) apresentação de textos em LP sobre a temática.

Além disso, foram organizadas dez oficinas com o intuito de debater questões sobre a fundamentação teórico-metodológica que subsidiasse a aplicação de uma proposta de ensino de LP para alunos surdos em salas de inclusão. Nas oficinas, foram utilizadas dinâmicas de grupo, exposições dialógicas e atividades lúdico-educativas. Foram tratados os seguintes temas: (1) informações gerais sobre surdez e a língua de sinais; (2) debate sobre o livro *Libras: que língua é essa?*, de Audrey Gesser; (3) debate sobre o documentário *Travessia do Silêncio*; (4) debate sobre o documentário *Sou surda e não sabia*; (5) análise e adaptação de materiais didáticos; (6) avaliação crítica de materiais existentes e elaboração de materiais para ensino de português como L2 para alunos surdos; (7) literatura surda e identidade; (8) debate sobre o filme *Música e silêncio*; (9) análise da escrita do aluno surdo; (10) uso de tecnologias para educação de surdos.

A metodologia adotada para a organização das oficinas foi: a) seleção da bibliografia acerca do assunto; b) busca e coleta de materiais didáticos destinados a alunos surdos; c) produção de cartazes e fôlderes para divulgação; d) organização e elaboração das atividades da oficina; e) acompanhamento da inscrição *on-line* dos participantes; f) realização do controle de frequência (75%) para emissão de certificados.

Por fim, foi organizado o Ciclo de Palestras, promovido mensalmente, no qual foram convidados profissionais e pesquisadores da área para que fossem discutidas questões ligadas ao ensino de língua portuguesa como L2 para alunos surdos. Entre as palestras ministradas, temos os seguintes temas trabalhados: “A orientação monográfica com surdos”; “Elaboração de material didático para o ensino de Português para alunos surdos em diferentes contextos: o que se produz e o que é possível produzir”; “Experiência em interpretação em variados campos”; “A formação do intérprete”; “Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos”; “Sarau bilíngue do INES: proposta e desdobramentos”; e “Aula de Pedagogia para surdos: quem escuta quem?”.

Ademais, também foram criados um blog, intitulado “Oficina de Letras” (Disponível em: <letrasdeoficinas.blogspot.com.br>) e uma página do Facebook para a divulgação do projeto. O objetivo central desses dois ambientes foi proporcionar espaços virtuais em que os professores de LP e graduandos do curso de Letras pudessem acessar informações sobre o projeto, assim como outras atividades: sugestão de livros, eventos sobre a temática, divulgação da Libras e da surdez, entrevista com professores.

Em relação ao acompanhamento de execução e desenvolvimento do projeto, foram elaboradas formas de acompanhar a implementação das metas. Os principais indicadores de acompanhamento foram compostos por reuniões semanais presenciais, com a coordenadora do projeto e demais integrantes. Nessas ocasiões, foram discutidos o desenvolvimento global dos trabalhos executados e o direcionamento do planejamento das atividades a serem desenvolvidas. Para o acompanhamento, foi utilizado o método de fracionamento do projeto

em conjunto de atividades, observando a previsão das ações a serem implementadas e os prazos envolvidos para a sua execução. Em cada bloco de atividades, foi elaborado um portfólio de todas as atividades e relatórios parciais.

A fim de registrar as diversas ações implementadas, foram utilizados instrumentos que visaram à intervenção e ao (re)planejamento de ações, a saber: a) mapa de atendimento aos alunos e relatório das atividades; b) atas das reuniões realizadas; c) lista de presença dos alunos surdos participantes; d) roteiro de planejamento dos materiais didáticos desenvolvidos; e) fichas de inscrição, avaliação e acompanhamento dos treinamentos, oficinas e palestras; f) questionários, entrevistas e atividades de grupo focal acerca do trabalho desenvolvido pelos professores de LP; g) entrevistas com alunos surdos (pesquisa de opinião).

Além disso, também foram elaboradas avaliações, tomando como base as atividades com professores e graduando nas oficinas. Para avaliar os cursos de extensão aplicados no INES, foram utilizados questionários para os alunos, de modo que eles poderiam avaliar o material, as aulas e dar sugestões para as professoras. Já para a avaliação das oficinas para professores, foi elaborada uma pesquisa de opinião, na qual cada participante deveria pontuar (de 1 a 5) a qualidade do material, a apresentação dos conceitos, a pertinência das atividades e a eficácia das discussões.

A expectativa em cada passo: onde pudemos chegar

Inicialmente, para a elaboração dos cursos de extensão e das oficinas para professores, houve reuniões entre as integrantes, para que as atividades fossem elaboradas em conjunto. Além disso, houve também leitura e fichamento de textos sobre o assunto, de forma que o debate sobre os novos conhecimentos adquiridos servisse como base para a elaboração das atividades. Pretendia-se que esses encontros suscitassem a discussão e a construção de conhecimento sobre novas metodologias e estratégias didáticas. A partir desse direcionamento, o projeto desenvolveu atividades voltadas para ações inclusivas para a comunidade de alunos surdos e ofereceu capacitação (formação inicial e continuada) para atuais e futuros professores de LP. Por conseguinte, foi propiciado também um ambiente de formação, de troca de experiências, de desenvolvimento e de experimentação de práticas de ensino bilíngue na Educação Básica.

O retorno das oficinas para professores, dos cursos de extensão oferecidos, do Ciclo de Palestras e da reflexão teórico-metodológica da equipe do projeto trouxe à baila um novo olhar sobre a educação de surdos. Trata-se de uma metodologia de leitura de imagens a partir de determinados conceitos sobre gêneros textuais, relações de coesão e coerência e intertextualidade. Nessa primeira etapa, os alunos apenas leem imagens; em seguida, discutem os conceitos em Libras; por fim, leem textos em LP, buscando incorporar os conceitos trabalhados na leitura de imagens. Como ainda é uma metodologia experimental de ensino, faz-se necessário aplicá-la e testá-la com outros alunos surdos de demais séries.

Além disso, as ações realizadas basearam-se no preceito da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, caracterizada pela integração da ação desenvolvida à formação técnica e cidadã do graduando e pela produção e difusão de novas metodologias de ensino, no caso específico, para alunos surdos. Procurou-se, com o desenvolvimento do projeto, atender a especificidade curricular, haja vista a possibilidade de integração com a disciplina obrigatória (Estágio: planejamento de materiais no ensino de português como L2 para a comunidade surda – ILE 06.10311), oferecida no curso de Letras – disciplina que está em consonância com as políticas educacionais de inclusão (Resoluções nº 1 e nº 2 CNE/CP/ 2002).

O projeto possibilitou que os integrantes vivenciassem, na prática, aquilo que aprenderam na teoria. Isso porque, apesar de o currículo da graduação visar à formação do aluno na área inclusiva, com matérias que abordam esse conteúdo, e ter a preocupação em levar o graduando a conhecer metodologias orientadas para a educação bilíngue para surdos, a referida disciplina acaba por se tornar um alicerce para estudos posteriores. Com isso, o projeto de extensão permite que seus integrantes tenham um contato mais profundo nessa área, pois, ao vivenciarem como as teorias metodológicas são aplicadas, interajam com professores que atuam na Educação Básica (atuação dos graduandos com profissionais da área) e conhecerem seus relatos, eles podem perceber que há muitas outras questões que influenciam o processo de ensino-aprendizagem de aluno surdo.

Além de formação pessoal e social, o projeto também ofereceu aperfeiçoamento acadêmico-científico por meio de orientação de bolsistas de graduação e auxílio a alunos de pós-graduação, visto que o projeto também pode servir de campo de investigação a esses alunos, atuação coletiva e ações conjuntas entre os integrantes e a coordenadora do projeto. Pretendeu-se realizar levantamentos que gerassem informações quantitativas e qualitativas sobre as estratégias e metodologias adequadas para o ensino de LP2 para alunos surdos, como também o acompanhamento e a avaliação dos indicadores de planejamento e a implementação de recursos e materiais didáticos para esse fim. Além disso, buscou-se a participação, junto à comunidade científica, em congressos e em demais eventos para divulgar o desenvolvimento, a execução e os resultados do trabalho. Assim, o resultado dessas atividades contribuiu com as pesquisas nas áreas da linguística, em especial, das línguas de sinais, e da educação bilíngue.

Passos finais: para terminar a caminhada

As ações desenvolvidas pelo projeto beneficiaram seus integrantes, os alunos surdos e os professores ou futuros professores participantes das atividades. Assume-se que o envolvimento de acadêmicos e docentes contribuiu para a ampliação das oportunidades educacionais dos alunos surdos e para o acesso a processos de formação e qualificação docente.

Os cursos de extensão aplicados do INES serviram como um local de apoio, em que dúvidas sobre a LP foram elucidadas, além de funcionarem como um espaço de construção de conhecimento compartilhado, uma vez que os conceitos foram sendo formados paulatinamente, e em conjunto com a turma e com as docentes. Já as atividades das dez oficinas permitiram que os participantes vivenciassem o cotidiano escolar de classes de inclusão.

A realização do projeto possibilitou benefícios aos participantes nas duas pontas do processo: a) docentes de LP da Educação Básica e graduandos em Letras; b) alunos surdos de escolas de Educação Básica. Ao primeiro grupo foi possível refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, na busca necessária entre a interação do conhecimento teórico com o prático, inclusive para a superação dos mitos que cercam a produção do conhecimento por parte dos alunos surdos. Ao segundo, foi possível propor diferentes metodologias de ensino que tivessem como foco a experiência visual e a língua de sinais. Por fim, o Ciclo de Palestras buscou aproximar professores, graduandos e público em geral da cultura surda, da experiência visual e de Libras. A pretensão do grupo era que essas palestras suscitassem a divulgação da comunidade surda e da língua de sinais, como também a discussão de novas propostas metodológicas de ensino para esse grupo discente.

O desenvolvimento das atividades proporcionou grande reflexão acerca da educação bilíngue para surdos e quais seriam as abordagens e as metodologias de ensino mais adequadas para esse grupo discente. Ao considerar o impacto da ação transformadora do projeto, haja vista que os fazeres na área de educação bilíngue para surdos apontam para a necessidade de desenvolvimento de uma investigação de caráter teórico-prático que atenda às necessidades linguísticas desse grupo discente, foi possível contar com a cooperação bilateral com outras instituições, como o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (instituição que promove a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o território nacional). As ações do projeto suscitaram a interação do conhecimento e experiência, acumuladas na academia, com o saber pedagógico produzido nas escolas e no INES.

Os resultados esperados pelo projeto, cuja sistematização encontra-se a seguir, organizaram-se em duas grandes etapas. A primeira foi realizada apenas com a equipe de pesquisa. Houve a indicação das leituras vinculadas ao quadro teórico de referência, com ênfase nos estudos sobre aquisição de L2 e produção de materiais didáticos. Nela, destacaram-se ainda a proposta de articulação entre a teoria e a elaboração de novas metodologias de ensino. Pretendeu-se chegar aos seguintes resultados: 1) promoção de leituras do referencial teórico; 2) desenvolvimento da articulação entre teoria e prática; 3) desenvolvimento de leitura crítica de materiais; 4) análise, adaptação e elaboração de materiais didáticos, baseados em diferentes gêneros textuais; 5) sistematização dos desdobramentos da discussão teórica acerca da análise, adaptação e elaboração de materiais para o ensino de português para alunos surdos.

Na segunda etapa, já contando com a inserção e a participação de alunos surdos e professores de LP2 da Educação Básica, esperou-se que os seguintes resultados fossem alcançados: 1) promoção da Libras para professores de LP; 2) sensibilização sobre a cultura surda e modos de aprender diferenciados; 3) criação de espaços de convívio entre professores da Educação Básica e graduandos; 4) construção conjunta de estratégias baseadas em metodologia visual; 5) criação de formas de intercâmbio entre a universidade e escolas de Educação Básica, no que se refere, sobretudo, ao ensino de LP para alunos surdos.

Observou-se que os resultados finais sucedidos das duas etapas foram, além do retorno teórico-metodológico pretendido, a promoção da formação de graduandos e pós-graduandos, incentivando a visão crítica sobre o ensino de língua portuguesa como L2 para alunos surdos. Em relação a esses alunos, o projeto lhes oferece possibilidades, por meio da língua portuguesa escrita, de acessar outros bens culturais, outras informações e, conseqüentemente, reconhecer sua multiculturalidade.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. de A. **Português... eu quero ler e escrever**: material de didático para usuários de Libras. São Paulo: IST, 2010.

BAALBAKI, A. C. F. A formação do professor e o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-9, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 79, p. 23, 25, abril, 2002.

CORACINI, M. J. O livro didático nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula. In: _____. (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.

DECHANDT, S. B. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. **O ensino da língua inglesa**. São Paulo: SBS Editora, 2001.

LEFFA, V. Como produzir materiais para o ensino de línguas? In: _____. (Org.). **Produção de materiais de ensino: teoria e prática**. 2. ed. Pelotas: EDUCAT, 2008.

LEITE, J. G.; CARDOSO, C. J. Inclusão escolar de surdos: uma análise de livros de alfabetização. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2009, p.1-13.

PERLIN, G. **História dos surdos**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

PERSE, E. L. **Ementas de Libras nos espaços acadêmicos: que profissionais e para qual inclusão?** 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**, v. 10, p. 209-231, 1972.

SOUZA, R. M.; FREIRE, A.; FAVORITO, W. O ensino de português para surdos: o texto didático e as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **ETD - Educação Temática Digital**, v. 2, n. 3, p. 19-26, 2001.

TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. E. **Elaboração de materiais para cursos de idiomas**. São Paulo: SBS, 2005.

VILAÇA, M. L. C. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 67-78, 2010.

Submetido em 26 de junho de 2014.

Aprovado em 22 de agosto de 2014.